



**Texto complementar referente aos temas relacionados à aula do dia
29/10/2020:**

O corpo como agente do espírito e de conciliação com a natureza

"O corpo é um agente de suporte para nosso exercício de diferenciação e produção de individualidade.

O corpo é um agente da família, transmite características e resguarda em seu silêncio a experiência dos ancestrais.

O corpo é um agente do humano, é constituído por suas potências, participa de sua organização e transmite sua realidade.

O corpo é um agente da natureza, participa de seu encaminhamento, é fruto do diálogo da vida.

Nosso corpo é o caminho para a profundidade de nossa situação, conjuga em si a experiência da criação e ao mesmo tempo a possibilita."

Quando falamos espírito, necessariamente estamos referenciando uma dimensão coletiva da experiência humana. Em muitos sentidos, a espiritualidade tem servido como uma forma de demarcação de significados e sentidos de vida – contextos afetivos e direções que se estabelecem na vida partilhada, em maneiras de se colocar e produzir liberdade frente ao desconhecido, instituindo formas de se relacionar socialmente com a condição humana e a natureza.

A espiritualidade se constitui em uma dimensão de intimidade com símbolos, onde as cargas afetivas conjugam a vitalidade em experiências; tanto as institui como as regula, tornando-as legítimas realidades afetivas. Trabalha na transformação do corpo físico individual em corpo social e simbólico do humano.

Na experiência espiritual conduzimos a linguagem para um enfrentamento com o misterioso – lugar fronteiro a toda possibilidade de conhecimento, adentramos em aspectos da experiência humana que transcendem uma demarcação caracterizada por uma estreita objetividade ou arrumação meramente lógica. É requerida uma dose de fé, experiência de investimento de si no desconhecido sem a certeza caracterizada pela prova objetiva, porém em comunhão, em confiança e no respeito aos vínculos que se empenham em celebrar nossa situação, mesmo que seja tão somente em uma possibilidade de sua demarcação. De certa forma, o ser humano anseia silenciosamente em evidenciar um porquê e um para quê de sua situação.

Espiritualidade é essencialmente uma experiência de entrega. Talvez seja um dos empenhos humanos mais demandantes e desafiantes para uma perspectiva individualista se engajar. Historicamente se mostrou capaz de produzir experiências de extremo altruísmo e beleza e, ao mesmo tempo, de violência e de terror. Porém, necessariamente em diálogo com a dualidade que propicia seu advento. Esta, podendo ser demarcada no empenho de aproximação dos polos em intensão de síntese, ou ato de criação, e também no sentido oposto do apartamento dos mesmos por acomodação moral e discurso do medo.

O diálogo do espírito com o corpo começa na integração das potências que dinamizam nosso processo afetivo. As reconhecemos nos fluxos emocionais que sustentam a nossa intimidade e que nos valem para nos investir nas relações. Para tal é necessária uma postura íntegra, não moral, no sentido de conciliação com nosso pertencimento e participação na natureza. Por sermos primeiramente através de um corpo humano, nos encontramos entrelaçados com a natureza. Querendo ou não, somos participantes desta imensa rede relacional. A influência e o valor produzidos por meio da contradição, da ambivalência e da intensificação do processo sensível são indicadores de uma espiritualidade que endereça a natureza, e não foge dela.

Nossa atividade repercute no entorno, como os entes da natureza com maior capacidade de intervenção, temos igualmente o desafio de articular um pensamento e uma prática ética com relação à legitimidade de nossa atuação.

O espírito é a experiência com relação àquilo que nos constitui e, assim, revela a grandiosidade de nossa participação. Não é sobrenatural, mas sim a dimensão propositiva da própria natureza, intuitivamente a sentimos. Por sermos parte desta, estarmos dentro, nos é impossível contemplá-la à distância; racionalmente instituímos

meios de suposto distanciamento que iludem um poder sobre a mesma. Assim, o fizemos com relação ao nosso próprio corpo. Porém, tais dinâmicas cobram um imenso preço na despotencialização da experiência sensível que guia ao sagrado. Esta, por sua vez, se assemelha, em parte, em seu encaminhamento a uma forma de tormento. Também a banalização e objetivação extrema da vida são consequências desta despotencialização.

A concepção do espírito como instância da natureza necessariamente nos leva a revisitar o corpo e reverenciar seu papel de centralidade no processo que instaura, sustenta e transcende a dimensão de presença meramente concreta da vida. O corpo humano dialoga com uma temporalidade e uma intensidade para além das particularidades e mesmo dos anos de vida de uma pessoa.

A parte que nos constitui, que sabe e que sente esta grandiosidade, se chama angústia, e pode ser endereçada no sentido da entrega e da conciliação com a nossa situação. A angústia pode ser amadurecida na experiência espiritual, servindo de porta para o esvaziamento consciente da ilusão de centralidade que constitui nossa primeira experiência e perspectiva sensível. Tal qual nosso corpo, que se encontra aberto, precisamos por mérito de nosso exercício de consciência nos abrir em vida para a grandiosidade de nossa situação. Tal abertura é como um arrebatamento, que nos torna humildes, horrorizados e igualmente maravilhados. O nascimento do corpo e seu padecimento assemelham a tudo aquilo que é vivo.

O espírito é uma ousadia criativa do homem que toma sua humanidade e a oferece em benefício de tudo e de todos, celebrando assim, simbolicamente, aquilo que sempre acontece por obediência ao corpo que nos sustenta e este à natureza que o constitui. A partilha é um exercício elegante de conciliação com a finitude. A vida é sempre coletiva e partilhada, nosso corpo é a consciência desta realidade, porém individualmente podemos nos alienar e mesmo dramatizar uma rejeição à nossa situação. Tal atitude nos leva à expiação afetiva e à ilusão.

O espírito é a consciência de si mesmo que ousa ser tal qual a natureza, vasta, múltipla, abundante. Confiante de seu próprio vigor criativo, insistentemente se instaurando no atrito ocasionado pelo advento das diferenças. Nosso corpo conjuga em seu entorno e nos oferece em exercício o próprio espírito humano e seu pertencimento à natureza.